

Amor Em Cartas



MARIANE OLIVEIRA

- AVISO LEGAL E DIREITOS AUTORAIS

ESTE CONTEÚDO FOI IDEALIZADO E DESENVOLVIDO PELA AUTORA MARIANE OLIVEIRA E ENCONTRA-SE PROTEGIDO PELAS LEIS DE DIREITOS AUTORAIS. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA A CÓPIA, REPRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO, VENDA OU QUALQUER FORMA DE COMERCIALIZAÇÃO DESTE MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA E POR ESCRITO DA AUTORA. TODAS AS INFORMAÇÕES, MÉTODOS, EXEMPLOS E ORIENTAÇÕES AQUI APRESENTADOS SÃO FRUTO DE SUA MENTORIA, COM APOIO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APENAS PARA REVISÃO E MELHORIA TEXTUAL, POR MEIO DA PLATAFORMA DE SITES WEBNODE. AO ACESSAR ESTE CONTEÚDO, VOCÊ DECLARA ESTAR CIENTE DE QUE QUALQUER USO INDEVIDO PODERÁ RESULTAR EM MEDIDAS LEGAIS CABÍVEIS, PRESERVANDO A INTEGRIDADE E ORIGINALIDADE DO TRABALHO DA AUTORA. AS IMAGENS DE FOTOS FORAM SELECIONADAS NA PLATAFORMA DE DESIGN GRÁFICO [CANVA.COM](https://www.canva.com), APENAS PARA FINS ILUSTRATIVOS. AS PESSOAS MOSTRADAS NAS IMAGENS NÃO SÃO MODELOS.

BEM-VINDO A AMOR EM CARTAS, UM MINI ROMANCE QUE CELEBRA A DELICADEZA DOS SENTIMENTOS ESCRITOS À MÃO. EM TEMPOS DE MENSAGENS INSTANTÂNEAS, ESTE EBOOK CONVIDA VOCÊ A DESACELERAR E ACOMPANHAR DUAS ALMAS QUE SE DESCOBREM, SE PERDEM E SE REENCONTRAM POR MEIO DE PALAVRAS CUIDADOSAMENTE ESCOLHIDAS. CADA CARTA É UM FRAGMENTO DE MEMÓRIA, UM SEGREDO SUSSURRADO NO PAPEL, UM PASSO A MAIS RUMO À CORAGEM DE AMAR.



ELA COMEÇOU COM UM ENVELOPE
ESQUECIDO NA CAIXA DE CORREIO DO
PRÉDIO, SEM REMETENTE, APENAS UM
NOME ESCRITO COM LETRA TRÊMULA:
CLARA. CURIOSA, ELA QUASE DEVOLVEU
A CARTA, MAS ALGO NA DELICADEZA DO
TRAÇO A FEZ ABRIR O PAPEL COM
CUIDADO. LÁ DENTRO, ENCONTROU
PALAVRAS QUE NÃO PARECIAM
DESTINADAS A ELA, MAS QUE, DE ALGUM
MODO, A ALCANÇAVAM
PROFUNDAMENTE: ALGUÉM DESCREVIA O
PÔR DO SOL VISTO DA JANELA DE UM
QUARTO SOLITÁRIO, O CHEIRO DE CAFÉ
RECÉM-PASSADO E A SAUDADE DE UM
AMOR QUE AINDA NÃO TINHA ROSTO.

CLARA LEU E RELEU AQUELAS LINHAS, SENTINDO QUE, EMBORA NÃO FOSSE A DESTINATÁRIA, HAVIA SIDO TOCADA POR UMA VERDADE ÍNTIMA. NO FIM DA CARTA, APENAS UMA INICIAL: “L.”. EM VEZ DE IGNORAR O EQUÍVOCO, ELA DECIDIU RESPONDER. ESCREVEU EM PAPEL CREME, COM A CANETA QUE GUARDAVA PARA OCASIÕES ESPECIAIS, E COMEÇOU ASSIM: “TALVEZ ESTA CARTA NÃO SEJA PARA MIM, MAS HOJE SUAS PALAVRAS ENCONTRARAM UM LUGAR PARA FICAR”. COLOCOU O ENVELOPE NA MESMA CAIXA DE CORREIO, ENDEREÇADO APENAS A L., COMO SE CONFIASSE QUE O DESTINO SABERIA O CAMINHO.

ALGUNS DIAS DEPOIS, UMA NOVA CARTA APARECEU. DESTA VEZ, COM SEU NOME COMPLETO, ESCRITO COM FIRMEZA: “PARA CLARA, QUE RESPONDEU O ACASO.” L. CONTAVA QUE HAVIA ESCRITO A PRIMEIRA CARTA PARA NINGUÉM EM PARTICULAR, APENAS PARA ALIVIAR O PESO DA SOLIDÃO. NÃO ESPERAVA RESPOSTA, MUITO MENOS DE ALGUÉM QUE MORAVA NO MESMO PRÉDIO, DUAS ANDARES ACIMA. ELE DESCREVEU O SOM DOS PASSOS NO CORREDOR, O ECO DAS CHAVES NA PORTA, E COMO IMAGINAVA HISTÓRIAS PARA CADA VIZINHO QUE PASSAVA. AGORA, PORÉM, ELE TINHA UM NOME, UMA PRESENÇA REAL DO OUTRO LADO DAS PAREDES.

ASSIM COMEÇOU UM DIÁLOGO
SILENCIOSO, FEITO DE PAPÉIS DOBRADOS
COM CUIDADO E DEIXADOS
DISCRETAMENTE NA CAIXA DE CORREIO.
ELES COMBINARAM, SEM NUNCA DIZER
DIRETAMENTE, QUE NÃO SE VERIAM
PESSOALMENTE. QUERIAM QUE AS
CARTAS FOSSEM UM LUGAR SEGURO,
ONDE PUDESSEM SER INTEIROS SEM O
PESO DOS OLHARES. CLARA FALAVA DE
SEUS MEDOS ANTIGOS, DA SENSACÃO DE
ESTAR SEMPRE ATRASADA PARA A
PRÓPRIA VIDA, DOS LIVROS QUE LIA PELA
METADE E DAS MÚSICAS QUE A FAZIAM
CHORAR SEM MOTIVO. L. RESPONDIA COM
HISTÓRIAS DE INFÂNCIA, DE UM AMOR
QUE NÃO DEU CERTO, DE NOITES EM
CLARO TENTANDO ENCONTRAR SENTIDO
NAS PEQUENAS COISAS.

COM O TEMPO, AS CARTAS FICARAM MAIS LONGAS, MAIS ÍNTIMAS. ELES COMEÇARAM A CRIAR RITUAIS: ÀS SEGUNDAS-FEIRAS, TROCAVAM LEMBRANÇAS DE INFÂNCIA; ÀS QUARTAS, ESCREVIAM SOBRE ALGO QUE OS HAVIA FEITO SORRIR; AOS DOMINGOS, CONFESSAVAM SUAS SAUDADES. NÃO ERAM APENAS SAUDADES DO QUE VIVERAM, MAS DO QUE AINDA NÃO TINHAM VIVIDO. EM CADA ENVELOPE, HAVIA UM PEDAÇO DE CORAGEM, UM POUCO DE VULNERABILIDADE E A SENSÇÃO DE QUE, FINALMENTE, ALGUÉM OS ENXERGAVA ALÉM DAS APARÊNCIAS.

CLARA PASSOU A RECONHECER O SOM DO CARTEIRO COMO QUEM ESPERA UMA BOA NOTÍCIA. L. APRENDEU A MEDIR O TEMPO ENTRE UMA CARTA E OUTRA PELO RITMO DO PRÓPRIO CORAÇÃO. QUANDO UM DIA A CARTA DEMOROU MAIS DO QUE O HABITUAL, CLARA SENTIU UM APERTO NO PEITO, COMO SE O SILÊNCIO FOSSE UM AVISO. MAS, ENFIM, O ENVELOPE CHEGOU, UM POUCO AMASSADO, COM A CALIGRAFIA QUE ELA JÁ SABIA DE COR. DENTRO, L. CONFESSAVA O MEDO DE ESTRAGAR TUDO SE ELES SE ENCONTRASSEM. “E SE, AO NOS VERMOS, PERDERMOS A MAGIA QUE CONSTRUÍMOS NAS ENTRELINHAS?”, ELE ESCREVEU.

CLARA LEU AQUELAS PALAVRAS COM CUIDADO E, PELA PRIMEIRA VEZ, SENTIU QUE O QUE HAVIA ENTRE ELES ERA MAIOR DO QUE O MEDO. RESPONDEU COM FIRMEZA DOCE: “A MAGIA NÃO ESTÁ NO QUE NÃO VEMOS, MAS NO QUE ESCOLHEMOS SENTIR. EU JÁ TE VEJO EM CADA CARTA, EM CADA SILÊNCIO QUE VOCÊ PREENCHE COM SINCERIDADE. NÃO QUERO UM AMOR QUE EXISTA APENAS NO PAPEL. QUERO O SOM DA SUA VOZ DIZENDO O QUE JÁ LI MIL VEZES.”

DEPOIS DESSA CARTA, O SILÊNCIO VOLTOU, MAS AGORA TINHA OUTRO SABOR: O DE EXPECTATIVA. DIAS SE PASSARAM SEM RESPOSTA. CLARA COMEÇOU A DUVIDAR DA PRÓPRIA CORAGEM, IMAGINANDO QUE TALVEZ TIVESSE PEDIDO DEMAIS. ATÉ QUE, NUMA TARDE CHUVOSA, ALGUÉM BATEU À SUA PORTA. O CORAÇÃO DELA DISPAROU ANTES MESMO QUE PUDESSE PENSAR. AO ABRIR, ENCONTROU UM HOMEM COM UM GUARDA-CHUVA FECHADO NA MÃO E UM ENVELOPE NO BOLSO DA CAMISA. OS OLHOS DELE ERAM EXATAMENTE COMO ELA IMAGINARA: UM POUCO CANSADOS, UM POUCO TÍMIDOS, MAS CHEIOS DE UMA TERNURA QUE NÃO CABIA EM NENHUMA LINHA ESCRITA.

ELE ESTENDEU O ENVELOPE, SEM DIZER NADA. CLARA O PEGOU, RECONHECENDO A LETRA DE L. NO SEU PRÓPRIO NOME. ABRIU ALI MESMO, COM AS MÃOS TRÊMULAS. A CARTA ERA CURTA, DIFERENTE DE TODAS AS OUTRAS: “QUERIDA CLARA, ESTA É A ÚLTIMA CARTA QUE TE ESCREVO SEM OLHAR NOS TEUS OLHOS. SE VOCÊ PERMITIR, A PARTIR DE HOJE, QUERO QUE NOSSAS PALAVRAS ENCONTREM TAMBÉM O CALOR DAS NOSSAS VOZES, O ABRAÇO DOS NOSSOS CORPOS E O SILÊNCIO CONFORTÁVEL DE QUEM NÃO PRECISA MAIS SE ESCONDER ATRÁS DO PAPEL. COM AMOR, L.”

CLARA LEVANTOU O OLHAR, E OS DOIS SORRIRAM COMO QUEM FINALMENTE CHEGA EM CASA DEPOIS DE UMA LONGA VIAGEM. NÃO HOUE DISCURSOS GRANDIOSOS, APENAS A SIMPLICIDADE DE DOIS CORAÇÕES QUE SE RECONHECERAM PRIMEIRO NAS LETRAS E, DEPOIS, NA PRESENÇA. O CORREDOR ESTREITO DO PRÉDIO SE TRANSFORMOU EM CENÁRIO DE UM COMEÇO: UM ABRAÇO TÍMIDO, UM RISO NERVOSO, A DESCOBERTA DE QUE O CHEIRO DO OUTRO ERA AINDA MELHOR DO QUE O IMAGINADO.

COM O TEMPO, AS CARTAS NÃO
DESAPARECERAM. PELO CONTRÁRIO,
TORNARAM-SE PARTE DA ROTINA DELES.
MESMO MORANDO LADO A LADO,
CONTINUARAM A ESCREVER UM PARA O
OUTRO EM DIAS ESPECIAIS, OU QUANDO
AS PALAVRAS CUSTAVAM A SAIR EM VOZ
ALTA. GUARDAVAM OS ENVELOPES EM
UMA CAIXA DE MADEIRA, COMO QUEM
COLECIONA PROVAS DE QUE O AMOR
PODE NASCER DO ACASO, CRESCER NA
DISTÂNCIA DE ALGUNS ANDARES E
FLORESCER NO ENCONTRO DE DUAS
MÃOS QUE FINALMENTE SE TOCAM.

ANOS DEPOIS, QUANDO ALGUÉM PERGUNTAVA COMO ELES SE CONHECERAM, CLARA E L. TROCAVAM UM OLHAR CÚMPLICE ANTES DE RESPONDER. ÀS VEZES, DIZIAM APENAS: “FOI POR CARTA”. OUTRAS VEZES, CONTAVAM A HISTÓRIA INTEIRA, COM TODOS OS DETALHES, COMO QUEM RELÊ UM CAPÍTULO FAVORITO. MAS, EM TODAS AS VERSÕES, HAVIA UMA CERTEZA: ALGUMAS HISTÓRIAS DE AMOR COMEÇAM QUANDO ALGUÉM TEM CORAGEM DE RESPONDER AQUILO QUE, APARENTEMENTE, NÃO ERA PARA SI. E, AO FAZER ISSO, DESCOBRE QUE O DESTINO, ÀS VEZES, ESCREVE COM A MESMA LETRA TRÊMULA DE UMA CARTA ESQUECIDA NA CAIXA DE CORREIO.



Clique e Compre Ebooks

CONTINUE
COMPRANDO

